

Relato de experiência: adolescentes, drogadição e como o ensino em saúde pode contribuir

Guilherme Di Clemente e Silva¹, Arthur de Oliveira Bitencourt Alvarenga¹, Carlos Eduardo Gomes Leal¹, Luiza Bernardes Costa de Carvalho¹, Maria Júlia Travassos¹, Dayse Vieira Santos Barbosa², Júlia Maria Rodrigues de Oliveira², Cecília Magnabosco Melo², Talita Braga².

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A Educação em saúde pode ser definida como um processo de construção de conhecimentos e visa a promoção de saúde e desenvolvimento de autonomia dos sujeitos. A drogadição é considerada um problema de saúde pública, com relevância na adolescência e objeto de abordagem a este público. Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência dos acadêmicos do terceiro período do Curso de Medicina em uma ação de Educação em Saúde realizada com o público-alvo adolescente. Trata-se de um relato de experiência de uma ação educativa proposta pelo módulo de Medicina de Família e Comunidade, da Universidade Evangélica de Anápolis, UniEVANGÉLICA. A ação foi desenvolvida em uma escola municipal em Anápolis, Goiás (GO), na perspectiva da metodologia do Arco de Maguerez. Tratou da temática “Promoção à Saúde e Prevenção quanto ao uso de drogas na adolescência” Participaram do trabalho cerca de 25 adolescentes, das turmas de 7º e 8º ano do ensino fundamental II. A intervenção foi realizada por meio de uma roda de conversa. A ação despertou o interesse do público-alvo, possibilitou o compartilhar de experiências e identificação de fatores que contribuem para o uso de drogas, bem como as possibilidades de prevenção e superação. A Educação em Saúde participativa contribui para a prevenção do uso de drogas na adolescência ao possibilitar reflexão e incentivar a aquisição de habilidades para a vida.

Palavras-chave:

Educação em saúde. Adolescente. Drogadição. Pandemia. COVID-19.

INTRODUÇÃO

Uma questão de saúde recorrente na adolescência é o uso de drogas e isso se associa ao fato de que adolescentes são mais vulneráveis ao sofrimento psíquico e que a pandemia foi um agravante para o acometimento de doenças mentais na população, um dos fatores que corrobora a drogadição. Nesse contexto, a Educação em Saúde - ferramentada descrita pela Organização Mundial de Saúde como uma combinação de ações e experiências de aprendizado planejado com o intuito de habilitar os indivíduos a obterem controle sobre fatores determinantes para a prevenção de doenças e promoção da saúde - é uma ferramenta adequada para lidar com a prevenção e combate da drogadição na adolescência (MILL-AUSKAS; FAUS, 2020).

Essa forma de abordagem de Educação em Saúde leva em consideração as limitações que as políticas públicas atuais que são repressivas, informativas e que considera o indivíduo passivo são ineficientes, pois, além de não existir a diminuição da drogadição entre os jovens, houve crescimento do uso na última década (CANOLETTI; SOARES, 2005) (JORGE et al., 2008; GALDURÓZ et al., 2010).

Além disso, oferecer alternativas ao uso de drogas como uma forma de prevenção é, também, uma estratégia que se mostrou efetiva como uma política pública usada na Islândia, a qual diminuiu drasticamente o uso de drogas por crianças e adolescentes no país. Tal política incrementou o incentivo de atividades artísticas, esportivas e culturais para adolescentes, fator que foi decisivo para a melhora nos índices de drogadição nessa faixa etária (KRISTJANSSON et al., 2020).

Assim, o presente trabalho tem o objetivo de relatar a experiência dos acadêmicos de medicina em uma ação de Educação em Saúde realizada em campo, em uma escola municipal situada em Anápolis-GO, com a finalidade de lidar com a questão de uso de drogas por adolescentes, usando métodos de Ensino em Saúde que protagonizam o adolescente nesse processo.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Módulo de Medicina de Família e Comunidade do Curso de Medicina da UniEVANGÉLICA, incentiva a relação teórico-prática por meio da realização de um projeto comunitário ao final do semestre. O terceiro período tem como eixo a Saúde da criança, Saúde do adolescente, Saúde da mulher. Uma escola municipal do município de Anápolis foi escolhida como campo deste projeto, realizado no segundo semestre do ano de 2021 por um grupo de doze acadêmicos.

Os acadêmicos de Medicina da UniEVANGÉLICA tinham o objetivo de realizar uma ação na área da saúde coletiva voltada para as necessidades do público adolescente: tanto para os alunos quanto para a equipe docente e pedagógica que ali trabalhava.

O projeto tinha como base teórica o Arco de Maguerez, uma sistematização científica para estudos, que se baseia em uma divisão em 5 etapas. Nas primeiras etapas foi feita a observação da realidade e o levantamento dos pontos-chaves, que identificou as fragilidades a serem abordadas (SILVA et

al., 2020). A partir de uma entrevista concedida pela diretora da escola foi traçado um perfil geral daquele grupo amostral. A escola era composta por 327 alunos matriculados, com uma faixa etária de 5 a 14 anos, e funcionava em período integral.

Não foram identificados problemas estruturais, como acessibilidade, má infraestrutura ou pouca capacitação profissional. Pelo contrário, notou-se uma estrutura adequada e profissionais capacitados para atender todas as necessidades de seus alunos, inclusive os que, por alguma condição - como estar dentro do espectro do autismo - demandavam uma atenção especializada. O ponto chave identificado para a abordagem foram os fatores socioemocionais e de Hábitos de vida dos alunos, uma vez que foi relatado comportamentos como o abuso de substâncias nocivas, tais quais o tabaco e os cigarros eletrônicos, que se agravou após o período de pandemia de COVID-19. Dessa forma, foi escolhido como ponto chave o uso de drogas na adolescência.

Após a fase de “teorização”, o grupo sinalizou e alinhou o projeto junto à equipe gestora da escola. Portanto, quanto a intervenção, tratou-se de uma roda de conversa com os alunos do 7º e 8º ano, com médias de idade de 12 a 14 anos, onde a temática de hábitos nocivos foi priorizada, discutiu-se consequências do uso e alternativas de soluções para esse hábito. Além da abordagem intersetorial saúde-educação, utilizou-se a interdisciplinaridade como recurso para enriquecer o diálogo, um psicólogo participou da roda de conversa, contextualizando a questão emocional com a vulnerabilidade social dessa faixa etária e relacionou com os efeitos da pandemia. Além disso, foi usado o recurso de expor imagens, visando identificar os atos nocivos e não nocivos, mostrando principalmente a consequência de tais atos (Figura 1).

Figura 1 - Ilustração de um hábito nocivo.



Fonte: Autores

Contudo, foram identificados alguns possíveis desafios na elaboração da ação, como a resistência dos alunos, variação das idades, aplicação do projeto em uma linguagem acessível para os alunos

e manutenção dos protocolos de biossegurança visto o momento pandêmico vivido. Para superar os desafios, foi entregue lembrancinhas (Figura 2) e o uso de dinâmicas para incentivar a participação (Figura 3). Além de executar a ação em local aberto, com distanciamento e uso de máscara, e também uso de linguagem cotidiana, horizontal e sem hierarquia com intuito de aproximar e compartilhar experiências. Dessa forma, os alunos participaram de forma ativa na ação por meio de contribuições verbais.

Figura 2 - Entrega de brindes que ajudaram a superar as barreiras de participação dos alunos.



Fonte: Autores

Figura 3 - Coleta de dados para realização da dinâmica.



Fonte: Autores

Como forma de avaliação da dinâmica, foi coletado relato verbal dos alunos participantes e professores.

DISCUSSÃO

Durante a experiência na escola municipal foi possível observar que o retorno às aulas pós-pandemia agravou diversas problemáticas já existentes na unidade. Essa dificuldade também é relatada em estudos que mostram que as doenças psíquicas e uso de psicotrópicos por jovens aumentou nesse período (LOADES et al., 2020; FEGERT et al., 2020). Soma-se a isso a fragilidade própria do período da

adolescência que aumenta a vulnerabilidade desses alunos para a drogadição, pois é um período de grandes mudanças, associadas a uma tendência ao isolamento e possível crise (CARTER; MCGOLDRICK, 2001; BALHARA et al., 2020).

Além disso, foi notória a dificuldade apresentada pela equipe pedagógica em lidar com essa temática, pois foi relatado que atitudes repressivas e pontuais já haviam sido tomadas, porém a questão persistia. Assim, a ação de Educação em Saúde proposta baseou-se em outras maneiras de abordar esse tema com os adolescentes, posto que o uso da repressão e informação se mostra inefetiva para a prevenção do uso de drogas (CANOLETTI; SOARES, 2005).

Posto isso, optou-se por usar uma estratégia que possibilitasse o protagonismo do adolescente no processo de prevenção contra a drogadição, utilizando técnicas que dão “voz” aos alunos, que exercitam a reflexão e criticidade. Todas essas iniciativas objetivam o empoderamento - conceito introduzido pela Carta de Otawwa - desses alunos, que é a evolução para um estágio o qual o indivíduo adquire as habilidades necessárias para transformar a sua realidade e a realidade de forma geral. (MASSON et al., 2020)

Somado às estratégias de empoderamento, a ação também promoveu a reflexão sobre atividades que poderiam ser uma alternativa ao uso de drogas. Dentre elas estão as atividades culturais, artísticas, esportivas, acadêmicas, sociais e familiares. Todas essas formas de lazer contribuem para a saúde mental como um todo e conseqüentemente para a prevenção da drogadição (KIRÁLY et al, 2020; LATGÉ; ARAUJO; JUNIOR, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação em Saúde deveria ser ensinada de forma efetiva em todas as instituições de ensino voltadas ao público infanto-juvenil, todavia esse déficit da educação é notório e negligenciado. À vista desse cenário, a realização da ação embasada nas etapas do Arco de Magueres, destacou e interveio nas necessidades existentes dos alunos da escola municipal, sendo de crucial relevância, uma vez que os adolescentes, devido à própria faixa etária, são indivíduos mais vulneráveis aos agravos de saúde, incluindo o uso de drogas, e considerando que, além disso, o momento pandêmico agravou essa vulnerabilidade preexistente.

Desse modo, o trabalho intersetorial e interdisciplinar realizado por meio da integração de conhecimentos da psicologia e do apoio da equipe pedagógica do curso de medicina, obteve um bom retorno, com significativo interesse e participação por parte dos alunos e do corpo docente da escola municipal, resultado que proporcionou de forma efetiva a compreensão e a aplicabilidade da temática discutida, favorecendo a promoção da saúde com autonomia e o desenvolvimento de habilidades para a vida. Isto posto, a ação propiciou também conhecimentos para os realizadores dela, uma vez que evidenciou dificuldades e necessidades da sociedade que devem ser trabalhadas, incentivando a criatividade

para a solução delas. Portanto, a estratégia de Educação em Saúde preconizada mostra-se uma boa escolha para tratar o tema de drogadição na faixa etária escolhida e, além disso, nota-se a partir dessa experiência a possibilidade de que essa forma de abordagem dessa temática para adolescentes na escola se transforme em uma política pública consistente e ampla.

REFERÊNCIAS

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n.1, p. 215-230, 2014.

BALHARA, Y. P. *et al.* Impact of lockdown following COVID-19 on the gaming behavior of college students. **Indian Journal of Public Health**, v. 64, p. 172-176, 2020.

CANOLETTI, B.; SOARES, C. B. Drug consumption prevention programs in Brazil: analysis of the scientific production from 1991 to 2001. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v.9, n.16, p.115-129, 2005.

FEGERT, J. M.; *et al.* COVID19 pandemie: kinderschutz list systemrelevan. **Deutsches Arzteblatt**, v. 117, n.14, p. 703-706, 2020.

GALDURÓZ, J. C. F. *et al.* Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 2, p. 267-273, 2010.

JORGE, M. S. B.; *et al.* Representações sociais das famílias e dos usuários sobre participação de pessoas com transtorno mental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 1, p. 135-142, 2008.

KIRÁLY, O. *et al.* Preventing problematic internet use during the COVID-19 pandemic: Consensus guidance. **Comprehensive Psychiatry**, v. 100, p. e-152180, 2020.

KRISTJANSSON, A. L. *et al.* Development and Guiding Principles of the Icelandic Model for Preventing Adolescent Substance Use. **Health Promotion Practice**, v. 21, n. 1, p. 62-69, 2020.

LATGÉ, P. K.; ARAUJO, D. N.; JUNIOR, A. G. S. Comunicação, educação e vigilância popular em saúde em tempos de COVID-19 – a experiência das comunidades de Niterói, RJ. **APS em Saúde**, v. 2, n. 2, p. 122-127, 2020.

LOADES, M. E. *et al.* Rapid Systematic Review: The Impact of Social Isolation and Loneliness on the Mental Health of Children and Adolescents in the Context of COVID-19. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 59, n. 11, p. 1218-1239, 2020.

MASSON, L. N. *et al.* A educação em saúde crítica como ferramenta para o empoderamento de adolescentes escolares frente às suas vulnerabilidades em saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 24, p. e-1294, 2020.

MCGOLDRICK, M.; CARTER, B. Advances in coaching: family therapy with one person. **Journal of Marital and Family Therapy**, v. 27, n. 3, p. 281-300, 2001.

MILIAUSKAS, C. R.; FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 4, p. e-300402, 2020.

SILVA, L. A. R. *et al.* O arco de maguerez como metodologia ativa na formação continuada em saúde. **Revista Interface Científica - Educação**, v. 8, n. 3, p. 41-54, 2020.